QUEERTILS: DISCURSOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

RESUMO

Este artigo investiga, a partir de Santos (2019) trechos de entrevistas com Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) queer/não heteronormativos que demonstrem as opiniões de pessoas surdas sobre as interseções entre suas identidade de gênero, orientação sexual e a atuação profissional aqui no Brasil. A partir da Análise Crítica do Discurso (ACD), são analisadas partes das narrativas (entrevistas semi-estruturadas) de três profissionais, evidenciando os desafios enfrentados, como preconceito, machismo, hipersexualização e curiosidade excessiva sobre suas vidas pessoais. Os resultados apontam para a necessidade de maior inclusão e reconhecimento da diversidade nos espaços de formação e atuação dos TILS, bem como dentro da própria comunidade surda. A pesquisa contribui para os Estudos da Tradução ao trazer reflexões sobre interseccionalidade e identidade no campo da interpretação de Libras.

Palavras-chave: Tradução e Interpretação de Libras. Identidade de Gênero. Sexualidade. Interseccionalidade. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

Based on Santos (2019), this article presents interviews with queer/non-heteronormative sign language translators and interpreters (SLTI) in Brazil, examining the perspectives of Deaf individuals on the intersections of gender identity, sexual orientation, and their professional roles. Using Critical Discourse Analysis (CDA) as a methodological lens, the study reviews segments from semi-structured interviews with three professionals, highlighting the challenges they face, including prejudice, sexism, hypersexualization, and invasive curiosity about their personal lives. The findings emphasize the urgent need for greater inclusion and recognition of diversity in interpreter training programs and within the Deaf community. This research contributes to Translation Studies by introducing intersectional insights regarding identity and embodiment in Brazilian Sign Language interpreting.

Keywords: Brazilian Sign Language Translation and Interpreting. Gender Identity. Sexuality. Intersectionality. Critical Discourse Analysis.

Saionara Figueiredo Santos
Professora e Pesquisadora do Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Palhoça Bilíngue. Tradutora e Intérprete de Libras. Pós-doutora pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

A atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) no Brasil tem sido um campo de pesquisa crescente dentro dos Estudos da Tradução, especialmente quando se trata das interações socioculturais que envolvem essa profissão. Dentro desse contexto, as narrativas de TILS sobre suas experiências profissionais revelam como suas identidades influenciam sua inserção na comunidade surda e sua aceitação no ambiente de trabalho.

Ao longo da trajetória acadêmica da autora, em suas vivências pessoais como pertencente a essa minoria, além do contato com outros colegas TILS, foi percebido que a identidade de gênero e sexualidade dos profissionais impacta significativamente suas relações interpessoais e profissionais. Questões relacionadas à aceitação dentro da comunidade surda, ao reconhecimento por parte dos colegas ouvintes e às percepções subjetivas sobre sua atuação tornam-se elementos fundamentais para compreender a experiência desses profissionais não heteronormativos[1].

Impulsionada pelas pesquisas de Nicoloso (2010, 2015), que abriram caminhos para a abordagem de gênero no contexto do TILS, identificou-se, em 2014, a necessidade de aprofundar essa discussão, dada a escassez de trabalhos acadêmicos sobre a temática no Brasil. Essa lacuna teórica e empírica motivou a realização desta pesquisa, que busca explorar as percepções dos TILS não heteronormativos sobre como são vistos pela comunidade surda e por seus colegas ouvintes.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo revisitar alguns dos discursos de profissionais de tradução e interpretação de Libras *queer* ou não heteronormativos, coletados em minha tese de doutoramento, analisando suas experiências e críticas em relação ao reconhecimento de sua identidade dentro de seu meio de atuação. Reconhecendo que há diversas outras identidades e vivências que demandam investigações futuras, minha pesquisa de doutorado foi um passo inicial na possibilidade de se seguir pesquisando esse campo específico dentro dos Estudos da Tradução, contribuindo para a ampliação das reflexões sobre diversidade, inclusão, interseccionalidade e identidade no âmbito da tradução e interpretação de Língua de Sinais Brasileira.Trago como pergunta de pesquisa nesse escrito: Quais é as percepções de tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos sobre o reconhecimento de suas identidades no ambiente profissional, especialmente nas relações com a comunidade surda e com colegas ouvintes?

1 Na tese de doutoramento da autora, em 2019, utilizei o termo Não Heteronormativos, pois não haveria tempo hábil para analisar cada nuance do grande espectro da Sexualidade Humana em meu texto. Como eu não ia focar em nenhuma das letras da comunidade LGBTQIAP+ (até porque alguns dos meus entrevistados se assumiram dessa forma, a saber, não-hetero,assim utilizei tal nomenclatura. Na época, ainda era tímida a aceitação da palavra *Queer* dentro da nossa comunidade surda e de tradutores e intérpretes de Libras. Hoje, em 2025, como já possuímos mais aprofundamento nesse conceito, neste escrito mantenho a nomenclatura da tese (pq o texto aqui a ela se refere) mas também insiro a palavra *queer*.

Metodologia

Esta pesquisa, assim como Santos (2019), foi uma pesquisa qualitativa, que foi realizada junto a três tradutores e intérpretes de Libras *queer*/ não heteronormativos. Na tese e nas reflexões deste artigo, adotou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD) como abordagem metodológica para investigar a construção discursiva das identidades dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) *queer*/não heteronormativos. A ACD, enquanto ferramenta analítica, possibilita a compreensão da linguagem como reflexo e constituidora do contexto social, permitindo a identificação de estruturas de poder, ideologia e relações sociais que permeiam as narrativas dos participantes.

Conforme Fairclough (2008), as práticas discursivas influenciam crenças e conhecimentos, impactando diretamente as relações sociais e a construção das identidades. Assim, a ACD viabiliza a investigação de fenômenos discursivos relacionados ao poder, incluindo discriminações de gênero e outras formas de desigualdade. Nicoloso (2010) reforça que essa abordagem permite compreender "o que as pessoas fazem por meio do discurso, por que o fazem e como organizam os diferentes discursos de forma a causar impactos desejados ou não" (NICOLOSO, 2010, p. 16).

A metodologia adotada baseia-se na análise de narrativas de TILS *queer*/não heteronormativos, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas[2]. Os dados serão examinados a partir do modelo de Fairclough (1992, 2001), que propõe a análise do discurso em três níveis: descrição textual, interpretação da prática discursiva e explicação da prática social. Essa abordagem possibilita a investigação da inter-relação entre texto, discurso e sociedade, considerando a linguagem como elemento constitutivo da realidade social.

A ACD é uma abordagem multidisciplinar que visa compreender fenômenos discursivos relacionados a poder, ideologia, discriminação étnica, socioeconômica, cultura, política e, especificamente, questões de gênero (Santos, 2019). A partir dessa perspectiva, esta pesquisa parte do pressuposto de que a linguagem pode tanto incentivar quanto refletir mudanças sociais, estabelecendo uma relação dialética entre discurso e prática social. Fairclough (2001) reforça essa conexão ao afirmar que a prática discursiva medeia a relação entre texto e prática social, sendo simultaneamente influenciada e influenciadora da realidade.

Essa estrutura metodológica permite transcender a mera descrição textual, incorporando uma visão crítica dos aspectos políticos e ideológicos presentes no discurso dos participantes. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para a ampliação dos Estudos da Tradução, oferecendo uma análise crítica sobre identidade e inclusão no contexto da tradução e interpretação de Língua de Sinais Brasileira.

2 Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil, conforme parecer consubstanciado nº 3.221.373, de 25 de março de 2019. A seleção dos participantes ocorreu por conveniência e voluntariedade, sem critérios pré-estabelecidos, respeitando a autonomia e o interesse dos sujeitos em contribuir com a pesquisa,

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 293-307

O que o TILS *queer*/não heteronormativo relata da percepção da comunidade surda frente sua identidade?

Inicia-se este eixo afirmando que traz-se aqui apenas recortes das entrevistas realizadas[3]. Introduz-se utilizando as primeiras falas de uma das entrevistadas, que aqui chamamos de Kim. Ela expressa seus sentimentos em relação à comunidade surda, no momento que tomaram conhecimento de sua homossexualidade. Kim apresenta uma dupla diferença, sendo mulher e *queer*/não heteronormativa, aspecto que foi considerado na análise de seu discurso. Em seu relato, Kim destaca a expectativa de maior compreensão por parte da comunidade surda, por também se tratar de uma minoria, mas relata ter enfrentado mudanças no tratamento recebido após assumir sua orientação sexual. Ela menciona, ainda, experiências de estigmatização dentro do ambiente acadêmico e profissional, especialmente em contextos religiosos mais conservadores.

> (...) Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade". Aí ele ficou fazendo piadinha e tal (...) eu senti que os surdos 107 mais radicais, ligados a religiões mais fechadas tinham esse tipo de discurso." - disse Kim.

É notável o incômodo de Kim ao perceber que, apesar de compartilhar uma condição minoritária com a comunidade surda, o apoio esperado nem sempre se concretiza. A heterogeneidade da comunidade surda e a multiplicidade de vivências dentro dela indicam a necessidade de mais estudos que contemplem as subordinações interseccionais entre surdos e ouvintes, como proposto nesta pesquisa. Embora existam pesquisas sobre surdos negros (BUZAR, 2012), surdos homossexuais (ABREU & SILVA, 2012) e mulheres surdas (COSTA, 2011; MOREIRA, 2008), a forma como os próprios surdos reagem a minorias dentro de sua comunidade ainda é um campo pouco explorado.

Em outro momento da entrevista ela afirma que "esperava que os surdos entendessem melhor a causa" e isso pode refletir a frustração com a falta de suporte por parte de alguns membros da comunidade.

Além disso, é perceptível como, ao estabelecer vínculos com a comunidade LGBT, Kim também fala que foi estereotipada negativamente como "intérprete dos gays e lésbicas". Esse tipo de categorização reforça a persistência de uma carga histórica negativa associada à homossexualidade (NUNAN, 2003), o que contribui para processos de estigma e exclusão social.

É possível de se perceber também no discurso de Kim, suas reações diante das colocações dos surdos, especialmente nas interações em que sua identidade profissional

3 Se há curiosidade para ler todos os relatos, recomendo ler minha tese, cujo tema é: A construção discursiva de identidades de gênero de tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos, disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204426/PGET0413-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y

foi questionada. Expressões (da própria entrevistada) como "tu és intérprete dos 'viados'" revelam uma tentativa de atribuir preferências pessoais ao seu trabalho, desconsiderando a imparcialidade inerente à atuação do intérprete de Libras. A resposta de Kim, ao enfatizar que sua função é interpretar para qualquer público, reflete seu esforço em desconstruir essas percepções e reafirmar sua posição profissional.

Também traz-se as falas de Ariel, surda, que faz um contraponto às falas de Kim. Ela observa que a comunidade surda, apesar de ser uma minoria linguística, tem mais facilidade em aceitar a diversidade. Ela destaca que a comunidade inclui surdos negros, gordos, pobres, e de diferentes características, mostrando uma aceitação das diferenças, o que ela percebe como um reflexo do fato de serem uma minoria.

> "(...) a gente encontra dentro da comunidade surda: surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade" disse Ariel.

Ao contrastar sua experiência com a de Kim, uma intérprete ouvinte, Ariel comenta que, como surda e lésbica, se sente acolhida pela comunidade surda à qual tem contato, ao contrário de Kim, que não recebeu o mesmo apoio. Ariel expressa emoções de segurança e felicidade ao perceber que a comunidade surda a qual pertence e se relaciona, seria mais aberta a outras diferenças. Ela cita diversas categorias de "duplas diferenças", como ser surda e negra ou lésbica, o que, segundo ela, leva à criação de estereótipos duplos — surdos negros são vistos como intelectualmente limitados ou inclinados à criminalidade, e surdos homossexuais são rotulados como promíscuos.

Ariel propõe que a comunidade surda, em seu caso, se configura como um espaço de acolhimento, o que é em consonância com Wrigley (1996), que argumenta que, embora os surdos compartilhem características comuns com outras minorias, ainda são tratados pela sociedade como deficientes ou incapazes. Essas representações, segundo Wrigley (1996), são disfarçadas no discurso educacional e científico, refletindo a opressão que as culturas surdas sofrem. Ao analisar as falas de Ariel, é importante reconhecer que ela não apenas enfrenta os preconceitos por ser mulher e surda, mas também por ser *queer*/não heteronormativa, resultando em um preconceito triplo, que deve ser considerado a cada análise de suas falas.

A necessidade de compartilhar a luta contra o preconceito na sociedade leva a uma maior representatividade e aceitação dentro das comunidades gays, criando um espaço onde é possível viver plenamente a sexualidade e acolher aqueles que enfrentam os mesmos desafios (Weigley, 1996).

Entretanto, ao falar da comunidade surda, Ariel disserta:

> (...) De verdade, eu percebo que sinto mais preconceito de surdos heterossexuais do que de surdos ou pessoas LGBTQI" diz Ariel.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 293-307

Ariel, nesse contexto, destaca que a aceitação entre surdos *queer*/não heteronormativos é mais comum do que entre surdos heterossexuais. Provavelmente, esta é a comunidade de acolhimento que ela retrata em seu discurso; é essa a comunidade a qual pertence de maneira mais aproximada.

Ao refletir sobre questões relacionadas à diversidade, é possível perceber que pessoas *queer*/não heteronormativas são frequentemente analisadas sob uma perspectiva conservadora. Ariel também revela que esses indivíduos se sentem pressionados a fazer da sua sexualidade o centro de sua identidade, além de serem alvo de preconceito, violência e estigma.

Isso se alinha ao que Andrade (2002) discute, ao afirmar que historicamente pessoas homossexuais foram vistas como promíscuas, disseminadoras de doenças e perigosas. A epidemia discursiva gerada pela AIDS, com acusações como "câncer gay" ou "peste gay", é um exemplo de como os gays eram marginalizados, com hospitais recusando internações e até queimando sofás onde eles haviam se sentado, enquanto líderes religiosos viam a AIDS como um castigo divino (ANDRADE, 2002, p. 42).

Novamente, Kim, em sua entrevista, aborda aspectos semelhantes aos de Ariel, no que diz respeito a este eixo de análise. Ela menciona uma categoria distinta ao associar o radicalismo a religiões mais fechadas, destacando que esses surdos, ao estarem ligados a tais crenças, não conseguem ocultar o preconceito nem a falta de aceitação da sexualidade de alguns TILS.

Como já discutido, historicamente, a homossexualidade tem sido cercada por conotações preconceituosas, muitas vezes alimentadas por grupos extremistas que justificam suas atitudes com base em crenças religiosas. Pinho (2010) faz uma análise do conceito de 'anormalidade', observando como a homossexualidade é frequentemente vista como uma variação da norma dominante. Segundo ele, desde o início das civilizações, os seres humanos não apenas observaram a natureza, mas também tentaram definir sua ordem, muitas vezes projetando nela suas próprias ideias morais e preconceitos. No caso da sexualidade, isso se concretizou quando filósofos cristãos transformaram seu dogma teológico em um princípio natural, associando a sexualidade à procriação (PINHO, 2010, p. 20).

Atualmente, a visão sobre gênero e sexualidade deixou de ser exclusivamente biológica/botânica ou histórica/tradicional, como já foi mencionado. As falas das pessoas entrevistadas nos remetem a Fairclough e Michel Foucault, que discutem a necessidade de uma demarcação em um ambiente "decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições (...), decisões regulamentares, leis (...), enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (FOUCAULT, 2015, p. 364). Como o discurso é socialmente constituído (FAIRCLOUGH, 1992), ele desempenha um papel fundamental na construção e reformulação das identidades e nas relações sociais entre crenças e indivíduos.

Kim, sendo uma pessoa de identidade *queer*/não heteronormativa, deixou claro o impacto do discurso da comunidade surda sobre sua atuação como TILS. Fairclough (1992) aponta três aspectos constitutivos do discurso, que nesta pesquisa usa-se como referencial passível de se observar nas falas de Kim: primeiro, como as

identidades se constroem no discurso, especialmente pela reação do surdo ao saber de sua identidade *queer*/não-heterossexual; segundo, como as relações sociais se manifestam, observando a fluidez da conversa e como Kim responde a comentários sobre a influência de sua identidade de gênero em sua profissão, por exemplo; e, por último, como as visões de mundo, linguagem e formas representativas das pessoas e suas relações estão imersas nas dinâmicas de poder presentes nos discursos, tanto de pessoas surdas quanto de Kim.

Essas relações de poder dos entrevistados nos remetem ao conceito de "hegemonia", empregado na análise de ordens de discurso (Fairclough, 1992): uma estruturação social específica (neste caso, a heterossexual) pode se tornar hegemônica, legitimando o senso comum e resultando em relações de dominação. No contexto da comunidade surda, pode-se argumentar que se aliar ideologicamente aos seus opressores faz com que adote um padrão heteronormativo que oprime aqueles que não se encaixam nesse modelo.

Marley, outro entrevistado, também complementa a fala da entrevista de Kim ao abordar as relações de dominação, muitas vezes sutis, não explícitas e difíceis de identificar, o que reforça este eixo de análise. Ele afirma que frequentemente não consegue separar situações de preconceito do contexto em que estão inseridas. No entanto, ele concorda com Ariel ao afirmar que nem todos os surdos acolhem a diversidade e critica o processo histórico em que os surdos, de maneira geral, se apropriaram dos discursos e lutas políticas, mas sem, de fato, acolher outras minorias dentro da própria comunidade surda. O trecho abaixo ilustra esse pensamento:

> "Sabe que isso eu vim pensando. Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente. Eu sempre penso em todo contexto que está se desenrolando..." disse Marley.

Marley também contribui para a discussão ao refletir sobre a complexidade das relações de preconceito, muitas vezes invisíveis e difíceis de separar do contexto em que ocorrem. Ele destaca que, ao contrário de muitos, não consegue pensar em situações de preconceito de forma isolada, sempre as considerando dentro de um contexto maior. Nesse sentido, Marley compartilha com Ariel a crítica de que nem todos os surdos aceitam a diversidade dentro da comunidade surda, principalmente no que diz respeito à inclusão de outras minorias. Ele critica o processo histórico em que a comunidade surda, ao conquistar direitos e espaço, muitas vezes se esqueceu de reconhecer que outros grupos sociais, como os movimentos LGBTQIAP+ e negro, estavam também lutando por seus direitos paralelamente. Marley argumenta que o reconhecimento desses movimentos, e o estabelecimento de paralelos entre eles, seria não só importante para a definição da identidade surda, mas também enriquecedor para a comunidade como um todo.

> "De surdos, é, de questões políticas, de conquistas mesmo, de legislação e de lugares dentro da academia. Só que eu fico confuso, então eles estavam traçando todo esse caminho de luta, mas estavam cegos realmente em relação ao fato de que não estavam sozinhos nessa caminhada. Eles estavam ganhando o espaço que lhes é de direito, mas outras pessoas também estavam caminhando junto. Não só em relação à comunidade surda, mas outros grupos sociais também estavam nessa jornada. Eles não conseguem se ver, por exemplo, ou traçar paralelos. Lógico que são movimentos diferentes, mas, por exemplo, o movimento LGBT e o movimento negro." disse Marley.

Marley, assim como Ariel e Kim, vê a comunidade surda como um espaço interseccional. Ele reconhece que as pessoas surdas não são homogêneas, pois suas experiências e necessidades variam com base nos grupos sociais, econômicos, raciais, culturais e étnicos aos quais pertencem. Por essa razão, compreende-se não é possível tratar a comunidade surda de maneira uniforme.

Um exemplo claro disso é a diferença entre tratar uma mulher surda e lésbica e uma mulher surda e heterossexual, já que as primeiras possuem peculiaridades históricas, culturais e sexuais que as tornam mais vulneráveis dentro de um sistema patriarcal, lesbofóbico e marcado por relações de poder, onde as pessoas surdas raramente ocupam o papel de protagonistas.

Considerando a comunidade surda como um espaço heterogêneo, assim como a sociedade em geral, pode-se afirmar que essa heterogeneidade (e seu desvio) é uma característica relativa ao padrão imposto pela sociedade, conforme a explicação de Foucault. Pinho (2010) aponta que há uma necessidade de desvio — também chamada de perversão — de um indivíduo ou grupo diante de um comportamento considerado normal ou ortodoxo, de acordo com a época em que esse comportamento ocorre.

Portanto, qualquer pessoa que adote uma postura revolucionária à moral da sociedade (como as pessoas *queer*/não-heterossexuais) causa estranhamento, já que as demais pessoas ainda estão presas a uma sociedade institucionalizada e dominante. Nesse contexto, Kim, Ariel e Marley estão se desafiando e se posicionando de maneira revolucionária, ao continuar a enfrentar essas diferenças dentro da comunidade surda, onde suas interações são mais frequentes.

Vale destacar que Marley valoriza essa interseccionalidade, reconhecendo que os seres humanos estão inseridos em diversos grupos sociais e classes ao longo da vida, o que pode resultar em privilégios ou opressões. Ele deseja que a comunidade surda tenha uma visão interseccional, compreendendo que os surdos não formam um grupo homogêneo, mas sim um conjunto de pessoas com experiências, necessidades e aspectos diferentes.

Ao afirmar que os surdos estavam conquistando "o espaço que lhes é de direito, mas outras pessoas estavam juntas nessa caminhada", Marley sugere que "outros grupos sociais" também fazem parte dessa luta, e, por isso, é importante traçar "paralelos"

entre os movimentos sociais. Além do movimento LGBTQIAP+, o movimento negro é citado como um exemplo de um eixo frequentemente não contemplado nas lutas sociais, tanto dentro da comunidade surda quanto na sociedade em geral.

A vivência de uma "dupla diferença", como ser surda e lésbica ou surda e gay ou surda e mulher, por exemplo acontece com todos os sujeitos da pesquisa. Furtado (2012), ao investigar a condição de ser surda e negra, denominou essa experiência como "dupla diferença". Embora a autora não aborde especificamente o recorte de raça nos eixos de opressão em sua tese, ela observou, com base em materiais empíricos, que a maioria dos indivíduos com essa "dupla diferença" não percebe a interseccionalidade de suas vivências, tampouco o "duplo preconceito" que enfrentam.

De forma similar, os participantes da presente pesquisa relatam perceber o preconceito de maneira dissociada, frequentemente identificando o preconceito relacionado à surdez. Furtado também destaca que a manifestação do preconceito varia conforme os grupos aos quais as pessoas pertencem. Nas falas de Ariel, como surda e lésbica, ela também percebe o preconceito, mas de maneira isolada, sem perceber a duplicidade no tratamento preconceituoso que recebe.

Por outro lado, Ribeiro (2017) explora a vivência de ser mulher e lésbica, uma outra forma de "dupla diferença" à qual Kim e Ariel se encaixam. Ao discutir a teoria da interseccionalidade e sua relevância para entender as nuances de cada grupo e os desafios das lutas sociais, a autora enfatiza que cada recorte envolve diferentes opressões, as quais devem ser reconhecidas dentro das suas especificidades.

Ribeiro afirma que "o feminismo precisa reconhecer a questão lésbica e surda; da mesma forma que o movimento surdo deve reconhecer a luta feminista e lésbica" (RIBEIRO, 2017, p. 182). Isso indica que tanto Kim quanto Ariel parecem perceber as interseccionalidades em suas identidades, ainda que não atribuam sempre os preconceitos que sofrem a uma diferença específica.

> "- (Surdo) - Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, pra fazer a minha voz, para combinar".
> (Intérprete) - Ah, para combinar, então não tem essa pessoa só tem a gente, e agora? Não quer voz? Que aí você avisa lá que você não quer.
> Aí ele teve que escolher. Mas, assim, tu ouvir um negócio desse... aí tu fala que não é machista, não, não é machismo...
> - (...) (Surdo) - Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. (...)
> - (Intérprete) - Aí tu fala que não é machista?
> - (Surdo) - Não, não é machismo"
> diz Marley.

Ao analisar a fala de Marley, que, como intérprete, homem e gay, reconhece a necessidade de articular as lutas de diferentes minorias, como o movimento LGBTQIAP+ e o movimento negro, fica clara a necessidade de abordar essas interseccionalidades.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 293-307

Pesquisas de Maia (2009) e Abreu (2011), por exemplo, investigam a realidade de pessoas surdas e homossexuais, principalmente gays e surdos homens (Abreu, em sua pesquisa, entrevistou exclusivamente três homens gays e surdos).

O material teórico sobre mulheres surdas lésbicas ainda é escasso (RIBEIRO, 2017), o que aponta para um desconhecimento sobre as diversas interseccionalidades dentro da comunidade surda, uma lacuna sugerida pelas escolhas lexicais de Marley. Quando Marley menciona "outros grupos sociais", ele está se referindo a outras minorias também destacadas por Ariel, como "surdos negros, surdos gordos", por exemplo.

As falas de Marley reforçam a ideia de que a discussão teórica sobre esses temas deve estar aberta aos diversos recortes minoritários que atravessam a comunidade surda. No contexto central das reflexões feitas na tese de Santos (2019), isso implica em reconhecer as múltiplas formas pelas quais a sexualidade e o gênero se intersectam com uma variedade de outras identidades, e como essas intersecções contribuem para as lutas e vulnerabilidades específicas (CRENSHAW, 2002) de cada grupo, seja de pessoas surdas ou ouvintes.

Nas falas de Ariel, surge também a questão do que significa ser "feminino", um tema frequentemente abordado pelos estudos feministas e que, muitas vezes, é restritivo e estereotipado, especialmente para mulheres lésbicas. Ela afirma: "Sim, até porque minha esposa não segue os padrões da sociedade de 'feminilidade'". Nessa fala, Ariel se posiciona sobre a falta de 'feminilidade' de sua esposa como um comportamento que foge ao esperado, ao padrão considerado comum.

Na teoria *queer,* existe um termo específico para denominar lésbicas que não seguem os padrões de feminilidade, como mencionado por Ariel: *butch*. Halberstam (1998) explica que esse termo se refere a mulheres que se sentem mais à vontade com "estilos, códigos e identidades genericamente masculinas do que com aqueles femininos" (HALBERSTAM, 1998, p. 120).

As categorias de masculinidade e feminilidade se mesclam na discursividade dos conceitos de sexo e gênero. Ao mencionar essa característica de sua esposa, Ariel a relaciona com a dificuldade de aceitação por parte da sociedade e da família. Por não performar de maneira "feminina", a esposa de Ariel enfrenta mais represálias e se expõe a mais preconceitos do que a própria Ariel, que adota uma performance mais "feminina".

Por outro lado, no que tange à temática da sexualidade, ainda há muita curiosidade por parte da comunidade surda. Kim, por exemplo, também recebeu perguntas de pessoas surdas sobre sua sexualidade.

> "Teve várias reações né, uma guria queria investigar minha vida, saber como era transar com mulher (...) sei lá, vai no google, vê uns filmes, isso é bem particular.
> – Não, eu quero saber como tu faz – daí eu falava – não, isso é muito íntimo, não quero falar contigo sobre isso. Porque eu sou tua intérprete, não quero falar sobre isso"
> disse Kim.

É perceptível a curiosidade demonstrada pela surda que ela interpretava, traduzida em perguntas que poderiam ser vistas como indiscretas, mas que não devem ser interpretadas unicamente dessa forma. O conhecimento que muitos surdos possuem sobre suas próprias identidades e sexualidade – assim como sobre a sexualidade alheia – é frequentemente limitado e permeado por pré-julgamentos. Glat (2004) explica que no caso de jovens com deficiências, além dos preconceitos relacionados à sua sexualidade e das dificuldades dos adultos em transmitir informações e orientações sobre o tema, há também processos de exclusão e estigmatização, que ampliam os desafios de inclusão social e aumentam sua vulnerabilidade a problemas nessa esfera.

Atualmente, a sociedade continua a restringir discussões sobre questões de gênero, muitas vezes tratadas como tabu por um neoconservadorismo que inviabiliza o acesso à informação e dificulta o debate tanto no ambiente escolar quanto no familiar. Nesse contexto, a desinformação não se traduz necessariamente em alienação, mas sim em mecanismos que perpetuam a opressão e invisibilizam minorias, como indivíduos que não se enquadram na heteronormatividade (Santos, 2019).

Durante as entrevistas, ficou evidente a recorrente curiosidade demonstrada por pessoas surdas sobre essas temáticas. Essa lacuna de conhecimento pode levar a diferentes comportamentos sexuais, oscilando entre a concepção da surdez como uma "patologia" associada a uma sexualidade diferenciada – segundo a ótica da abordagem clínica-terapêutica – e a ideia de que a ausência de referências e recursos informativos limita a compreensão e o desenvolvimento de normas de conduta. Conforme destacam Patil & Gopinath (2000), a falta de conhecimento sobre normas de comportamento aceitáveis, aliada à limitação de recursos informativos, impacta diretamente a curiosidade dos surdos em relação a temas ligados à não-heteronormatividade.

Essas crenças e percepções sobre a sexualidade podem impactar significativamente a sociedade, afetando sobretudo grupos minoritários, como a comunidade surda. O resultado disso não é apenas a perpetuação de equívocos sobre a temática, mas também a internalização dessas ideias pelos próprios surdos, o que pode reforçar sentimentos de desvalorização e inibição da sua vivência sexual (ANDERSON, 2000; BAER, 2003; KAUFMAN, SILVERBERG E ODETTE, 2003).

O desempenho de gênero, por sua vez, é um processo socialmente construído e reproduzido no dia a dia, inclusive por meio de conversas sobre práticas sexuais, como evidenciado na experiência de Ariel. Esse processo está diretamente ligado à necessidade de se enquadrar em uma identidade de gênero reconhecida e aceita dentro de determinados padrões sociais.

Assim, independentemente da identidade – seja ela masculina, feminina ou *queer* –, os indivíduos aprendem a desempenhar discursos considerados socialmente apropriados dentro de seu contexto racial, étnico e de classe, seja para evitar a rejeição social ou para buscar aceitação e pertencimento (MACDOUGALL, 2012, p. 42).

Diante desse cenário, é fundamental reconhecer que as dinâmicas de exclusão e silenciamento que afetam a sociedade em geral também se manifestam na comunidade de tradução e interpretação de Libras e os indivíduos que pertencem a ela. Se a produção e circulação de informações sobre gênero e sexualidade são frequentemente

restringidas por normativas sociais e institucionais, não há razão para supor que essa realidade seja diferente no contexto da tradução e interpretação de línguas de sinais. Pelo contrário, a atuação de tradutores e intérpretes é atravessada por esses mesmos desafios, exigindo uma abordagem crítica e informada para evitar a reprodução de estereótipos e garantir a acessibilidade linguística e cultural das discussões sobre diversidade e identidade.

Conclusão

A partir de trecho das narrativas de Kim, Marley e Ariel trazidos nesse escrito, é possível identificar como a interseccionalidade entre identidade de gênero, orientação sexual e o contexto de trabalho na Tradução e Interpretação de Libras impacta diretamente as relações interpessoais e institucionais. O preconceito e a curiosidade excessiva relatados por eles evidenciam a falta de informação e o conservadorismo ainda presente em muitos espaços, especialmente na comunidade surda e nos ambientes profissionais.

Kim e Marley, ambos ouvintes, enfrentaram desafios semelhantes no que tange ao preconceito e à hipersexualização de suas identidades. Kim percebeu que, ao assumir sua identidade lésbica, seu tratamento no ambiente de trabalho e na comunidade surda se modificou, gerando maior curiosidade sobre sua vida pessoal e até represálias profissionais. A influência do conservadorismo religioso também foi um fator determinante para a discriminação vivida por ela. Marley, por sua vez, enfrentou a resistência de surdos que recusavam sua interpretação por ser um homem gay e percebeu como as relações de poder e o machismo influenciam a percepção sobre a capacidade profissional dentro do campo da tradução e interpretação.

Ariel, sendo surda, trouxe um contraponto importante ao destacar que a comunidade surda, por ser uma minoria linguística, tende a demonstrar maior aceitação às diversidades. No entanto, ela também reconheceu que essa aceitação não é homogênea, pois há surdos heterossexuais que reproduzem preconceitos contra aqueles que não compartilham da mesma identidade e cultura. Além disso, Ariel ressaltou a necessidade de problematizar e aprofundar estudos sobre feminilidades e masculinidades dentro dos Estudos de Gênero no contexto da comunidade TILS, demonstrando a relevância de desconstruir concepções normativas e discriminatórias.

Percebe-se que a falta de informação na Língua de Sinais contribui para a manutenção de estereótipos e discriminações, fazendo com que qualquer identidade não heteronormativa seja vista como algo negativo ou patológico. A curiosidade excessiva sobre a vida pessoal dos participantes reforça o estranhamento social que ainda permeia a diversidade sexual e de gênero.

Assim, torna-se evidente a necessidade de um debate mais aprofundado sobre gênero e sexualidade nos espaços de formação de tradutores e intérpretes de Libras, bem como no próprio seio da comunidade surda. Apenas com a ampliação do acesso à

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 293-307

informação e a promoção de um ambiente mais inclusivo, além de novas investigações que escutem as especificidades de quem realiza o trabalho em foco, será possível mitigar os impactos do preconceito e fortalecer a equidade dentro desse contexto profissional e social.

Referências

ABREU, F. S. D. D.; SILVA, D. N. H.; ZUCHIWSCHI, J. Surdos e homossexuais: a (des) cobertura de trajetórias silenciadas. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 607-620, 2005.

ANDERSON, O. H. *Doing what comes naturally? – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities*. Illinois, USA: High Tide Press, 2000.

ANDRADE, M. C. *Globalização e identidade nacional*. Recife: Bagaço, 2002.

BAER, R. W. *Is Fred Dead? - A manual on sexuality for men with spinal cord injuries*. Pennsylvania: Dorrance Publishing CO, 2003.

BUZAR, F. J. R. *Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís-MA*. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, P. R. *Surda mulher ser eu: a construção das identidades do sujeito feminino*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil, 2011.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2008.

_____. A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, Célia (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 31-82.

_____. Intertextuality in Critical Discourse Analysis. *Linguistics and Education*, v. 4, p. 269-293, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

FURTADO, R. S. S. *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2012.

GLAT, R. A sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, n. 1, p. 65-74, 1992.

HALBERSTAM, Judith; HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

KAUFMAN, Míriam; SILVERBERG, Cory; ODETTE, Fran. *The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness*. 2. ed. Califórnia, USA: Cleis Press, 2003.

MAC AN GHAILL, M. *Understanding masculinities: social relations and cultural arenas*. McGraw-Hill Education (UK), 1996.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. R. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, p. 159-176, 2010.

MOREIRA, S. Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, Carlos (Ed.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, RS: Mediação, 1998. p. 95-103.

NICOLOSO, S. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira*. 2010. 200 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciência da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.

_____. *Modalidades de tradução na interpretação simultânea da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira: investigando questões de gênero (gender)*. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansarai, 2003.

PATIL, S.; GOPINATH, C. Y. Exploring the sexual vulnerability of urban deaf Indians. *Project Signpost*, Mumbai, India, 2000.

PINHO, F. A. *Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação*

brasileiras. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

RIBEIRO, Jessica Akemi Kawano. A lesbianidade e a surdez. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 7, p. 179-191, 2017.

SANTOS, Saionara Figueiredo et al. *A construção discursiva de identidade de gênero de tradutores e intérpretes de libras não heteronormativos*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1996. (Texto traduzido para uso em Seminário Avançado).

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 293-307